

Pão e água à mesa dos pescadores

Greve já leva 50 dias e atinge 700 trabalhadores do arrasto, sobretudo de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos

Os pescadores do arrasto de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos mantêm a greve mais longa de que há memória. E, apesar dos 50 dias que já levaram serm o mar mares trazer alguns amargos de boca, continuam empenhados nas suas reivindicações.

Esta greve, que abrange a nível nacional 700 pescadores, destina-se a conseguir que a Associação de Armadores "perca a arrogância e se sente à mesa das negociações". Mantendo-se firme como no início da paralisação, Aníbal Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte, assegura que a luta por melhores condições de trabalho e salariais está para durar. Doa a quem doer.

"A greve justifica-se por causa da ninharia que os pescadores ganham e é natural que exijam melhores condições de trabalho como as horas de descanso", acrescentou Isaac Leal, mestre do arrasto, quando conversava com os colegas junto à praia de Caxinas, em Vila do Conde.

Em causa está o pedido de aumento do salário base do pescador de arrasto de 25.500 para 35.500 escudos, o aumento da percentagem de pesca em 0,3 pontos percentuais (de 1,2 para 1,5%), que "não é alterado há cerca de 30 anos", a devida remuneração do trabalho ao fim-de-semana, o aumento do prémio de pesca intensiva e o cumprimento do descanso de cinco horas diárias.

Apunhalados pelas costas

Manuel Alberto, pescador "desde rapaz", passa os dias no café e em casa, preenchendo o tempo que antes ocupava com a lida do mar e que o levou a "adquirir hábitos completamente diferentes". Sentados num café de Matosinhos, 10 homens falam da pesca, dos armadores e da sua própria vida "abalada", na expressão de Manuel Alberto. "Eu e todos temos uma mão cheia de náde e outra de nada cheia", explica.

"Andam a apunhalar-nos pelas costas. Os pescadores de Matosinhos estão a usufruir de um contrato que a UGT reivindicou sem consultar os pescadores do arrasto, em que querem que seja a Segurança Social a pagar as nossas reivindicações", salientou.

A situação económica instável, visível dia após dia, não acontenta apenas os pescadores. "Há alguns que se aguentam, outros não, mas também os armadores estão assim e não só nós", adianta António André, pescador há 40 anos e que ainda hoje luta por melhor assistência social e melhor salário.

Os "operários" do arrasto passam a manhã na Docapesca e a



Há mais de um mês que a frota de arrasto costeiro está parada, acumulando prejuízos na economia

tarde em casa, mas há a convicção "de que não serão vergados pela fome, mesmo com os pagamentos de pagamento de casa, de automóvel ou de electrodomésticos", sublinhou Aníbal Sousa, que acusa os armadores de "jogar com esta situação".

A comunidade piscatória vive

sobretudo do mar, "havendo ainda poucas famílias em que as mulheres trabalham e cuidam da parte económica da casa", explica.

Conheceu as malhas do arrasto quando o carapau era a 20 e 30 escudos e hoje está a 300, mas o que não mudou foi a percentagem paga sobre o pescado, que já então era de 1,2%, que ainda por cima não se recebe se os barcos não saem para a faina. É o que acontece muitas vezes no Inverno, em que o rendimento fica reduzido a 25 contos, e que os pescadores querem ver nivelado pelo salário mínimo.

Corn a fome a apertar, os pescadores do arrasto contam com a "solidariedade das pessoas". Que nunca os deixaram ficar mal. Aníbal Sousa, do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte, recorda os tempos, logo a seguir ao 25 de Abril, em que foram estes a ajudar os desempregados de empresas que nessa altura fecharam.

Por isso, apela agora para que "seja feito o mesmo pelos outros trabalhadores, para que

Pedro França, o representante dos armadores, é dos que mais leva com as culpas da manutenção da greve. O pescador Manuel José não consegue perceber o que "o outro" quer dizer quando afirma que o sector está fraco, se depois continua a tomar posição no capital social de várias empresas de pesca aveirenses. "A gente poupa e a gente deespera por situações destas", diz Manuel José, determinado a continuar a greve apesar dos sacrifícios.

No bairro piscatório da Costa Nova, ao cabo de 50 dias de greve,

ve, as mulheres contam as medas que guardam nos lenços para sobreviver. E rezam à Ria para ajudar a compor o governo da casa.

Com o arrasto em greve, voltam a olhar para a Ria e põem as bateiras à água, mais acanhadas no tamanho e nos preventos, mas que lhes vai dando os chocos, os linquidos, a amêijoa e o berbigão. Vão-se safrando, como conta Manuel José, solidário com os que estão ainda mais afilhos, com casa água e luz para pagar.

Apelo à solidariedade para a fome não os vergar

se ajude a resolver alguns problemas de forma a que os pescadores não sejam vergados pela fome".

Não obstante, os pescadores reafirmam a sua intenção de manter a greve e a convicção de que só vão regressar à faina quando estiverem satisfeitas as suas exigências, uma opinião unânime no café de Matosinhos (ver peça principal).

Das Pesca saiu a ideia de que, "enquanto houver um pão seco e meio litro de água, os pescadores não morrerão de fome".

"Há também perspectivas de solidariedade por parte dos pescadores do cerco e da sardinha de poderem começar a contribuir com um cabaz de sardinha diária", acrescenta o representante sindical, declarando que, "através do apelo dos sindicatos, é esperada mais solidariedade deste tipo".